

CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**IMPRESSO**

**DF**  
**LETRAS**

**A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA**

ANO III Nº 31/34  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

# De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de  
um candango

■ A história  
das HQs



# Esplanada e os Mistérios

□ Luis Adolfo Pinheiro

*A crônica "Esplanada dos Mistérios" foi publicada na antologia "Cronistas de Brasília", seleção e organização da escritora Aglaia Souza, com o apoio da Associação Nacional de Escritores. O trabalho reúne crônicas de 35 autores brasilienses, que, involuntariamente, vão contando um pouco da história candanga.*

É como uma viagem a Roma; foi o que pensei quando ali ingressei, pela primeira vez, para conhecer o eixo da política, a vasta extensão que termina na imensa praça sem limites, que se diz inspirada na velha China, ou em contos brâmanes, ou ainda resultante apenas de sonhos, drogas alucinantes, febres, desvarios. E sempre me emociono com a estranha sensação no meu íntimo quando entro pela ampla avenida que avança em seis pistas rumo ao poder ou à eternidade, como um jato que mergulhasse no espaço e fosse desbravando, silenciosamente, nuvens e pedaços de azul em direção ao infinito. E no caminho dessa infindável avenida, espécie de Via Ápia gloriosa, pode-se imaginar o desfile de legiões romanas vitoriosas e ouvir o doloroso gemido de escravos trazidos dos quatro cantos do mundo.

Nunca me sinto, desde então, realmente cansado dessa paisagem aparentemente monótona mas que revela, a cada dia, uma nova e fértil passagem da História interminável da huma-

*Foto aérea da época da construção de Brasília mostrando as obras do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e parte da Esplanada dos Ministérios*

nidade, iniciada no mais fundo dos tempos e destinada à eternidade dos seres e das coisas. E experimento a emoção que vem da loucura pura, pois isso aqui não tem qualquer raiz maior, salvo no sonho. E como numa reação em cadeia, em que a imaginação é mais forte que a ciência, o sonho de um çura italiano passou de cabeça em cabeça, sempre melhor sonhado, mais aperfeiçoado. E sem eira nem beira, como convém a um sonho verdadeiro nos seus estranhos silêncios da madrugada, o sonho passou de mão em mão e cruzou o Atlântico nos livros, no sangue dos imigrantes, nos amores clandestinos, no exílio e na esperança. E aterrissou no Novo Mundo como se fosse a cápsula espacial lançada do cosmos por uma estrela distante, contendo mensagens dos vizinhos do universo.

E posto que os sonhos, apesar das explicações e interpretações, na verdade não se explicam - como não se explicam as fraquezas da carne, as guerras entre os povos e a fome das piranhas -, os sonhos progrediram e desaguaram numa ruidosa empreitada que mobilizou dias e noites, meses e anos, numa condenação bíblica em que os novos escravos babilônios, hebreus, assírios, sob o comando de um faraó nativo das montanhas, traçaram uma cruz no cerrado e puseram abaixo árvores tortas e centenárias; afugentaram tatus, cobras e onças de olhar traiçoeiro e garras afiadas; fizeram sangrar a terra em abundantes águas; espan-taram os pássaros e tingiram de vermelho o sol do poente numa poeira alta e constante, maior do que a do deserto do Egito quando ali se arrastavam pela areia os blocos de pedra das pirâmides.

Esse horizonte vasto, vasto demais, um alto mar como já foi chamado, é um imenso deserto em que as miragens se juntam e se superpõem e pousam suavemente no chão, no colo de uma criança, na elegante ater-rissagem de uma ave nativa do sertão. Uma nave espacial pousada em meio a uma região inabitada? Ou um arranha-céu de luxo e conforto mas sem alicerce, flutuando a alguns metros acima do ninho da sabiá no galho mais alto da árvore mais torta do cerrado? Uma engrenagem completa e moderna viajando em navio fantasma pelos mares interiores? Ou uma torre de Babel que, ao contrário da primeira,



*A escultura  
"Os Dois Candangos",  
em homenagem aos  
operários que construíram  
Brasília, observa as  
duas linhas  
perpendiculares,  
narco zero do início  
da Nova Capital*

consegue chegar ao céu mais não logra fixar-se em terra? Um disco voador assustador pousado em meio à mata virgem, cercado do silêncio e da curiosidade de silvícolas, sobrevoado por elegantes borboletas multicoloridas e barulhentas muriçocas vorazes, plantado junto a puras e inocentes corredeiras d'água e assustados lobos-guará? Ou um bombardeiro atômico estratégico, imóvel em sua base, pronto a gerenciar a nação em caso de conflito armado?

Na verdade, uma usina de poder com todos os departamentos que formam uma usina de poder: soldados de

variadas patentes e uniformes, conspirações e intrigas, Diário Oficial, protestos da oposição, crítica da imprensa, inflação e corrupção, prostituição de meninas de treze anos, demissões e nomeações, aposentadorias, cargos de confiança, suicídios, novo plano econômico, denúncias de escândalos e de ineficiência administrativa, ameaça de golpe de estado, nervos tensos, tensão e tesão, orações ao pai celestial, tortura nas prisões, reforma do Ministério, eleições, posse do novo diretor-geral e do novo superintendente, novos contratos, preterição nas nomeações e promoções de servidores, gravidez indesejada e aborto, requisição de funcionária, comissão parlamentar de inquérito, banquete no Itamaraty, promessas de paz, desenvolvimento e de justiça social.

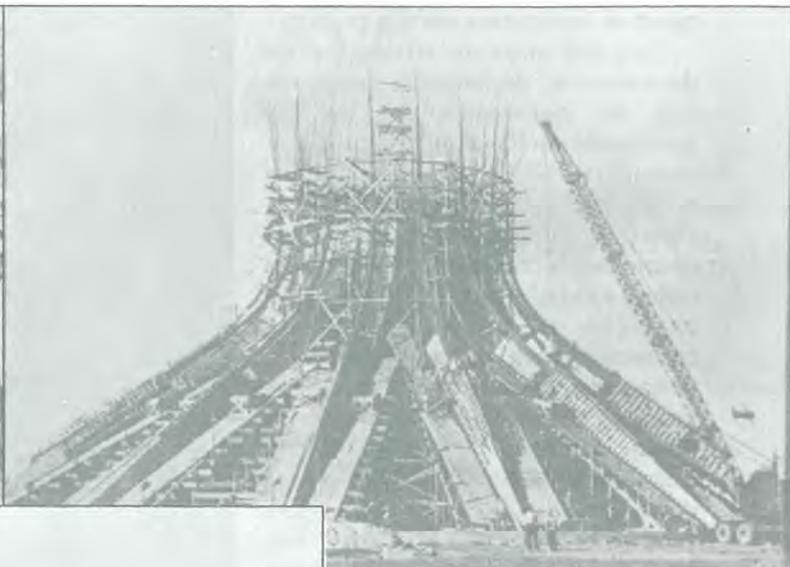
Uma esplanada estranhamente branca, talvez por não ter cor alguma, pois o cerrado não tem cor, exceto quando a onça abate, com um golpe certo, o desprevenido veado que tenta escapar na correria e o sangue tinto jorra pelo chão; ou então quando se surpreende a flor roxa, de um roxo total e absoluto, esquecida e abandonada no mato; ou ainda quando se remove a pele dessa terra sem cor e uma terra mais viva se apresenta, ver-



***Vista parcial da Esplanada dos Ministérios. Em destaque o início das obras do Congresso Nacional***

melha, argilosa, a escorrer nas imensas enxurradas de seu dilúvio anual da época das monções.

E por não ter uma cor especial a cidade é branca, como branca e verde é sua esplanada e brancos os olhos dos seus candangos que não tiveram passado e nem esperam muito do futuro, ao menos para si mesmos, talvez para seus filhos. E verde é a grama que substitui, como num carpete civilizado, o antigo chão nativo, a canga impura, a bruta mina do poeta; o chão batido de pés anônimos por onde nunca andaram romanos, nem gregos, nem Alexandre Magno, nem Napoleão e nem Genghis Khan e nem exploradores famosos do Novo Mundo: apenas índios ignotos, mais tarde os invasores portugueses, bandeirantes, talvez algum espanhol desavisado à procura do Eldorado e alguns raros cientistas - alemães, russos, ingleses - colecionando sua flora e sua fauna. E mais alguns afortunados descobridores de ouro que se acabou tão rápido quanto surgiu. E ainda: tropeiros de



***A construção da Catedral Metropolitana de Brasília mobilizou toda a comunidade religiosa e representa uma conquista do homem na reafirmação de sua fé***



***Um Poder observa o outro. Através da sensibilidade do fotógrafo, o Palácio do Planalto vê o Congresso Nacional se erguer para ser a Casa do povo***

Minas com seu comércio de mascates, fazendeiros rudes e atrasados, alguns bandoleiros de tempo integral e jagunços de coronéis do grande sertão, roteiro de Diadorim e de Tatarana na peregrinação interminável das Gerais.

Uma sensação estranha: aqui não há separação entre a ilusão e a realidade. Ali estavam todos como condenados de uma galera, aparentemente livres e sem grilhões, mas atados à grande pedra de mó que girava noite e dia

sem parar, vinte e quatro horas seguidas, dias úteis, sábados, domingos e feriados, tudo para construir a grande pirâmide, a mais alta e moderna do mundo, no meio do deserto brasileiro. Porque no princípio era o verbo e o verbo era construir. E aportou aqui a multidão variada, toda a vasta mistura do ventre do Brasil, para construir Persépolis. E mais que em Cafarnaum e na Babilônia, era um núcleo mais rico, com humanistas e aleijados, idealistas e pés-de-chumbo, progressistas e reacionários, donzelas empedernidas e putinhas de tempo integral. E dor de cabeça, sífilis, saudades de Matão,

dor de corno, rock'n roll e música sertaneja, carne-de-sol e feijão de corda, peixeirada na barriga, tutu com torresmo, esperanças destruídas, virgindades perdidas, sonhos de um carnaval. E com o colonizador vinha a vontade de ser feliz, a busca da paz, que jamais terá; do amor, que é fugaz como o relâmpago; e do poder, que não se prende, como o vento; ou da fortuna, roda caprichosa a embalar os sonhos e devaneios e a cobrar duro tributo de

quem se aventurava em sua procura.

Dez mil anos de História e de desencontros, de heranças desbaratadas, de lágrimas e de cansaço aportavam em Persépolis; raças e credos misturados em confiança e irresponsabilidade, porque nada se constrói do planeta sem a mais despudorada leviandade que, se vitoriosa, é saudada pelos pósteros como exemplo de larga visão e de contemporaneidade com o futuro; e se fracassar, como freqüentemente fracassa, ninguém tomará conhecimento dela. É a reedição das caravelas de Colombo e de Cabral, agora dotadas de carrocerias e pneumáticos, a avançar mar adentro, nos inóspitos e traiçoeiros caminhos das veredas, nova Taprobana dos "mares nunca dantes navegados", trazendo, no sangue e nos olhos, a mesma e acesa chama da cobiça, na busca incessante e interminável do ouro e da glória, a áurea coroa com a qual enfeitar a fronte e premiar-se com a eternidade.

Que cidade é essa? Poderia denominá-la pela arquitetura nova e ousada, pelos grandes espaços vazios, pela sensação de paz e majestade que

***Na foto histórica, tendo ao fundo o Palácio da Alvorada, nem o lago Paranoá tinha sido feito***



***Os operários que construíram o plenário da Câmara dos Deputados não imaginavam quanto das decisões seriam tomadas ali***

transmite, pelo futuro que antecipa. Mas ela só comporta uma definição verdadeira: a cidade do mistério, a esplanada dos mistérios, o ponto místico de encontro universal de discos voadores com peregrinos vindos da

Terra Santa e das margens longínquas do Ganges; de romeiros de Santiago de Compostela com viajantes de Juazeiro do Norte e os caminhantes das estradas de Minas atrás de Chico Xavier e Zé Arigó; ponto de encontro dos fiéis de Meca e dos que demandam Bom Jesus da Lapa, todos os que buscam a salvação, em algum lugar e de alguma forma. Uma cidade dos mistérios - e eles não estão escritos nas profecias e nem nos livros profanos. Não se encontram no ar e nem nas estrelas. Os mistérios são carne e habitam entre nós. Porque os mistérios são eles, os candangos, que abateram a primeira árvore torta do cerrado, e não têm passado e nem lastro cultural, mas construíram o novo templo de Salomão. A massa dos deserdados de tudo, dos famintos de esperança, aventureiros e jogadores, operários e guerreiros, gladiadores e escravos - eles ergueram as paredes das catedrais do poder. Impossível individualizá-los na semelhança de seus rostos, na uniformidade de sua pobreza. Candangos: uma vez denominação pejorativa, diminutivo da condição humana e depois tornado em substantivo de vida própria, como uma borboleta que nasce da larva, eles são o mistério maior dessa esplanada de mistérios, desse grande oceano no qual vêm desaguar todas as águas, todos os sonhos e todas as minhas esperanças.

